

*Jose*  
*Teixeira Netto*  
*Jose*  
*Teixeira Netto*

JOSE TEIXEIRA COELHO NETTO

M E M O R I A L

Concurso de Livre-Docência junto  
ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de  
Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

SAO PAULO

1985

MEMORIAL

A. ATIVIDADES, TITULOS ETC. ATÉ O DOUTORAMENTO	1
I. TRABALHOS DE PESQUISA	1
II. TITULOS DA CARREIRA UNIVERSITARIA	3
III. ATIVIDADES DE CRIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE CENTROS OU NUCLEOS DE ENSINO E PESQUISA	4
IV. PUBLICAÇÕES	
1. LIVROS (ENSAIOS)	5
2. LIVROS (SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO, PROJETO)	16
3. LIVROS (OBRAS COLETIVAS)	16
4. PUBLICAÇÕES EM PERIODICOS (ARTIGOS E ESTUDOS)	17
5. PREFACIOS E INTRODUÇÕES A LIVROS DE TERCEIROS	19
6. LIVROS (TRADUÇÕES)	19
V. ATIVIDADES DIDATICAS	22
VI. DESEMPENHO DE ATIVIDADES CIENTIFICAS, TECNICAS, ARTISTICAS E CULTURAIS RELACIONADAS COM A DISCIPLINA OU CONJUNTO DE DISCIPLINAS EM CONCURSO E OUTRAS ATIVIDADES	24
B. ATIVIDADES, TITULOS ETC. APÓS O DOUTORAMENTO	28
I. TRABALHOS DE PESQUISA	28
II. ATIVIDADES NA CRIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO, ORIENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE CENTROS OU NUCLEOS DE ENSINO E PESQUISA	29
III. PUBLICAÇÕES	
1. LIVROS (ENSAIOS)	30
2. LIVROS (FICÇÃO)	32
3. PUBLICAÇÕES EM PERIODICOS (ARTIGOS E ESTUDOS)	33
4. LIVROS (OBRAS COLETIVAS)	34
5. PREFACIOS E INTRODUÇÕES A LIVROS DE TERCEIROS	35
6. PROJETO, ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO DE PERIODICOS	35
7. LIVROS (TRADUÇÕES)	36
8. LIVROS (REEDIÇÕES DE ORIGINAIS)	36
9. LIVROS (NO PRELO)	37
IV. ATIVIDADES DIDATICAS	38
V. DESEMPENHO DE ATIVIDADES CIENTIFICAS, TECNICAS, ARTISTICAS E CULTURAIS RELACIONADAS COM A DISCIPLINA OU CONJUNTO DE DISCIPLINAS EM CONCURSO E OUTRAS ATIVIDADES	40
C. DADOS SOBRE O CANDIDATO	51
O DESENHO DO CONJUNTO	53

## A. ATIVIDADES, TITULOS, ETC. ATÉ O DOUTORAMENTO

### I. TRABALHOS DE PESQUISA

Não sei com que sentido especial a palavra "pesquisa" comparece no edital sobre este concurso, na parte relativa aos itens do Memorial. Não há publicação que se possa fazer, ou curso de pós-graduação ou de graduação que se possa ministrar, independentemente de alguma pesquisa prévia. A rigor, não se faz na Universidade outra coisa além de pesquisar. Tudo aquilo, portanto, arrolado num Memorial deveria refletir um "trabalho de pesquisa".

De todo modo, anoto, de maneira particular:

1. Morei na França durante o ano letivo de 1974-1975, devidamente licenciado pela USP. O objetivo era completar uma pesquisa sobre as estruturas de significação no teatro, da qual deveria resultar minha dissertação de mestrado (afinal defendida na ECA em 1976).

Inscrevi-me na Université de Paris-III, sob a orientação do prof. Bernard Dort, crítico de teatro e especialista na obra de Brecht. Doc. 1

Durante esse período, o grupo de estudos do prof. Dort realizou uma pesquisa sobre o Théâtre du Soleil da qual resultou uma publicação que contou também com um artigo de minha autoria. Doc. 2

Em 1975 desloquei-me para Veneza onde acompanhei a Biennale, naquele ano dedicada ao teatro. Foi o início de uma nova pesquisa que mais tarde resultaria em minha tese de doutoramento (Uma outra cena). Doc. 3

As idéias que desenvolvi nesta tese levaram-me depois,

sem que naquele momento eu pudesse saber disso, aos conceitos de ação cultural que exercito na tese apresentada com este Memorial.

2. Este período passado fora do país foi um momento de grande produtividade para mim. Na época eu já era professor da ECA-USP mas apenas em regime de tempo parcial. Minha principal atividade como professor era desenvolvida junto à Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Mackenzie, onde trabalhava junto à disciplina de História da Arquitetura, entre outras. Isto me levou a desenvolver, juntamente com o trabalho indicado no item 1, um outro trabalho de pesquisa - desta vez voltado para as estruturas de significação na arquitetura. Escrevi uma primeira versão do texto resultante ainda na Europa; o texto final foi publicado em 1979 sob o título A construção do sentido na arquitetura.

Doc. 4

Este deveria, na verdade, ter sido minha tese de doutoramento. No entanto, quem, na FAU-USP, poderia assumir a "orientação" da tese não aceitou fazê-lo sob a alegação, para mim inédita até aquele momento, de que estava pesquisando... na mesma área. Conclui que nesse ambiente não havia clima para estudo ou pesquisa e optei pela publicação imediata do texto. "Imediata" é modo de dizer: entre a decisão e a publicação passaram-se três anos, nas gavetas da editora.

## II. TITULOS DA CARREIRA UNIVERSITARIA

1. Contratado como professor auxiliar de ensino junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1974.
2. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP em 1976. Doc.5
3. Bolsa concedida pela Fulbright para realização de doutoramento nos EUA (1978).  
Por razões pessoais, desisti dessa bolsa.
4. Doutor em Letras na área Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo em 1981. Doc.6

### III. ATIVIDADES DE CRIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE CENTROS OU NUCLEOS DE ENSINO E PESQUISA

A partir de 1978, optei pelo regime de tempo integral na Universidade de São Paulo. Desde essa data, fiz parte de todos os órgãos colegiados da ECA: Comissão de Ensino do Departamento, Conselho do Departamento, Comissão de Graduação da Escola (da qual fui vice-presidente no exercício da presidência), Comissão de Pós-graduação do Departamento, Comissão de Pós-Graduação da Escola e Congregação, além de outros colegiados eventuais como o que dirigiu o Departamento de Música da ECA de 1979 a 1981.

Em todos esses órgãos participei de diferentes estudos cujos objetivos eram exatamente a "criação, organização e desenvolvimento de centros ou núcleos de ensino e pesquisa". Foram trabalhos sobre reorganização do curso noturno da Escola, sobre formas de integração pedagógica entre o ciclo básico e o profissionalizante e outros do gênero além de sucessivos estudos sobre a reformulação do ensino dentro do próprio Departamento de Biblioteconomia e Documentação.

Acredito que essas atividades "de criação, organização etc." são inevitáveis no trabalho do docente que participa ativamente da vida da Unidade.

#### IV. PUBLICAÇÕES

##### 1. LIVROS (ENSAIOS)

###### 1. Arte contemporânea: condições de ação social

(em colab. com A.M. Goldberger). São Paulo, Ed. Nova Crítica, 1969; 2a. ed.

Meu primeiro trabalho publicado sob a forma de livro. A época discutia-se muito sobre o alcance político de certas linguagens da "modernidade" como (ainda !) a arte abstrata. A vanguarda era atacada como forma de elitismo e alienação. O concretismo já era, ainda era (como continua a ser) posto no pelourinho. A tese de nosso panfleto era que também com a arte de vanguarda podia-se promover a ação social -- e, mesmo, com vantagens sobre o academismo defendido por certas posições políticas. Para nossa surpresa, a publicação recebeu menção elogiosa, na Revista Civilização Brasileira nº 17, do crítico Nelson Werneck Sodré, um dos que, a rigor, estaria dentro daquelas "certas posições políticas".

Doc. 6A

###### 2. Introdução à Teoria da Informação Estética.

Petrópolis, Vozes, 1974.

Texto derivado de minhas atividades docentes na Faculdade de Arquitetura, Comunicações e Artes da Universidade Mackenzie onde era responsável, entre outras, pela disciplina "Teoria da Informação e Percepção Estética". O livro discutia e criticava certos conceitos que considerava demasiado "integrados", em particular os relativos às abordagens da obra de arte sob o ângulo quantitativo.

Doc. 6B

3. O intelectual brasileiro: dogmatismos & outras confusões.

São Paulo, Global, 1978.

Livro de discussão sobre aspectos da ação do intelectual num país subdesenvolvido: o que deve, o que não deve fazer, o que pode ou não pode fazer, o que esperam que faça e outros do gênero. Um dos pontos atacados no texto é o que vê o intelectual como porta-voz e/ou orientador do povo (visão da qual o CPC deu uma versão). Pontos de passagem: o intelectual e sua consciência culpada, o papel político da clareza e da obscuridade no discurso do artista e do intelectual, a vanguarda (novamente), o momento para se discutir ou não certos problemas como esse do intelectual (nos últimos vinte anos no Brasil, repetiram-se várias vezes as ocasiões em que "não é o momento" para se discutir determinados tópicos; algumas vezes porque a censura não deixava, outras vezes por não ser "tático" discutir isto ou aquilo diante do inimigo, a ditadura).

O diretor de teatro francês Antoine dizia que o importante era ter verdadeiros amigos e verdadeiros inimigos. Com a publicação desse livro, passei a ter verdadeiros amigos e verdadeiros inimigos.

DOC. 6 C

4. Diagrama poético da cena-Macunaíma.

São Paulo, IDART, 1978.

Não é propriamente um livro, mas uma brochura (pré-publicação, como a denominou o IDART) contendo um longo ensaio sobre a montagem de Macunaíma por Antunes Filho e sobre as relações entre o espetáculo e o texto original de Mário de Andrade. Este ensaio deveria ter sido publicado em livro junto com outros três ou quatro de autoria de outras pessoas (críticos, escritores, o próprio Antunes)

tal como eu contratadas (e bem pagas) para escrever sobre aspectos específicos da montagem. Esses outros autores, porém, jamais entregaram seus textos (o que justifica a opinião que certos editores têm do intelectual brasileiro e que usam para explicar sua preferência pela política sistemática da tradução de obras produzidas lá fora).

Este ensaio apresentava certas idéias posteriormente desenvolvidas em minha tese de doutoramento; em especial, os conceitos de cena poética, do espaço e do tempo no teatro, do teatro-produto x teatro-produção.

DOC. 7

##### 5. A construção do sentido na arquitetura.

São Paulo, Perspectiva, 1979.

Trata-se da publicação dos resultados da pesquisa mencionada em I.2.

Uma das disciplinas que lecionei na FAU-CA /Mackenzie foi História da Arquitetura. Nesta área há excelentes autores, como Lewis Mumford, Nikolaus Pevsner, Gideon, Zevi e alguns outros. Embora suas obras sejam usadas como manuais nas escolas de arquitetura de todo o mundo, estão longe de serem livros básicos e simples. Como não é incomum com os grandes autores, os livros destes historiadores não deixam claro, para o leitor principiante, qual o método que os sustenta, em que se baseia o escritor para perceber o que percebeu e dizer o que diz. Mesmo porque os ensaístas criadores não vestem a camisa de força do método único, mas alimentam suas construções com pedaços de corpos e matérias os mais heterodoxos, provenientes dos mais variados e insuspeitados lugares -- numa ilustração de que a única ciência que vale a pena é a epistemologicamente anárquica. A experiência, a cultura e

erudição do autor é que tece a trama da observação e do texto sobre uma estrutura que existe, sim, mas que está embutida na obra e não exposta em sua fachada para anunciar a sapiência do pesquisador.

O estudante, porém, se vê perdido diante da massa de detalhes e da qualidade da análise: não percebe como o autor chegou a tal conclusão, como pôde perceber isto e aquilo, de onde partiu. E mesmo que a leitura e a compreensão dos textos acabem se produzindo em algum momento, é muito difícil para o aluno fazer, ele próprio, sua leitura crítica de um espaço ou de uma edificação concreta colocada à sua frente. Partindo desta constatação, e utilizando os princípios gerativos da semiótica, formulei uma malha de leitura do espaço arquitetural capaz de guiar o principiante em suas observações pessoais da realidade concreta ao mesmo tempo em que o deixa livre para recheiar a análise com elementos derivados das disciplinas que bem entender. É livre para exercer como quiser sua intuição.

A malha de leitura que proponho é como o andaime usado numa construção: terminado o edifício, o andaime desaparece e nunca ninguém irá pensar que um dia houve ali um andaime. Para elaborá-la, eu mesmo tive de aprender que a semiótica é, ela mesma, um andaime -- e não um elemento que, na análise, fica se exibindo a si mesma e se referindo antes de mais nada a si mesma. A maioria dos semioticistas não percebeu isso ainda e talvez não queira perceber. Esta não é a menor das razões que explicam o conceito tão baixo que hoje se faz da semiótica, no meio leigo ou não.

É um dos livros de que mais gosto ainda, um dos que menos renego. Ou que não renego em nada. Deu-me grande prazer escre-

vê-lo no lugar onde o escrevi e no momento em que o escrevi. E dá-me prazer saber que é usado um pouco por toda parte neste país, nas escolas de arquitetura. Outros livros meus acabaram sendo igualmente adotados e este uso deles feito deveria me deixar também gratificado; mas a relação com este é particular.

DOC.4

#### 6. Semiótica, informação, comunicação.

São Paulo, Perspectiva, 1980.

É um texto de divulgação de teorias relacionadas com o título. Mas não me limito a resenhar "objetivamente" os autores e os conceitos abordados: coloco minhas próprias objeções ao que é descrito, faço minhas próprias extrapolações. O gráfico que representaria este livro não é o de uma linha reta, como ocorre com os manuais comuns, mas o de um labirinto circular cujas alamedas se comunicam em vários pontos do trajeto, colocando o leitor diante da possibilidade de ir e vir, de avançar ou de voltar sobre seus passos para sair em outro lugar que não o primeiro de onde partiu.

Na seção dedicada à semiótica, trato de três autores que considero básicos: Peirce, Hjelmslev e Saussure via Barthes.

A parte da Informação é a retomada de meu texto Introdução à teoria da informação estética, no qual a primeira editora não tinha mais interesse apesar de esgotado. Expurguei o texto de várias passagens, refiz outras e republicuei seu núcleo. E uso a parte da Comunicação para discutir a ideologia de certos modelos durante longo tempo seguidos nas escolas.

DOC.8

7. Em cena, o sentido (semiologia do teatro).

São Paulo, Duas Cidades, 1980.

É a publicação de minha dissertação de mestrado. Esta teve uma origem singular, consideradas as circunstâncias.

Eu seguia um curso de pós-graduação sobre teatro, na ECA, ministrado por um professor competente e seguido por alunos que estavam longe de serem principiantes na área. Ainda no terço inicial do curso, surgiu certa vez uma discussão no grupo que, a rigor, não poderia jamais surgir. Não ali. Uma discussão sobre como definir exatamente o teatro, como descrever os elementos que lhe são específicos e pelos quais difere de outras linguagens, como a literatura ou o cinema. Uma discussão, enfim, sobre a especificidade do teatro.

Pode parecer uma questão ridícula e fácil de resolver. Não é. Tanto não é que o teatro brasileiro de hoje, por não saber mais o que lhe é próprio e o que o distingue de outras tantas coisas e, em particular, da TV, está no lodaçal em que se encontra.

Várias discussões seguidas foram dedicadas, no curso, a uma tentativa de equacionamento da questão -- sem se chegar a resultados satisfatórios, do meu ponto de vista em todo caso. Decidi pesquisar o assunto mais a fundo, utilizando novamente a semiótica como metodologia. O "novamente" está mal colocado: foi essa a primeira vez que a utilizei desse modo, e ela ainda aparece muito no estudo, olhando-se no espelho o tempo todo (o estudo é de 1974, antes daquela estada mais prolongada no exterior; a publicação é que só aconteceu seis anos depois).

O objetivo foi, assim, senão descobrir o modo pelo qual se

forma ontologicamente o sentido próprio do teatro, pelo menos construir um modelo metodológico de delimitação desse sentido. Não tenho pretensões de ter resolvido uma questão na verdade olímpicamente ignorada pelos grandes dramaturgos e encenadores ao longo de toda a história da humanidade. Mas não é menos verdade que no passado essa questão não se colocava por falta de oportunidade e necessidade. É um assunto que surge com a "modernidade", quando o exercício do teatro se vê confrontado com o de outras linguagens que se instalam em terrenos limdeiros de onde armam, contra ele, incursões frequentemente bem sucedidas. Novamente, os grandes criadores já solucionam essa questão ainda no ovo de sua produção, sem dela tomar conhecimento consciente. Mas nessa mesma modernidade proliferam as "escolas de teatro" e outras artes que deveriam "democratizar" o uso e o consumo da cultura quando frequentemente o que fazem é "socializar" o simulacro e a ignorância. Nesse momento surge o problema de saber o que é exatamente o que. Mesmo quando os afetados pelo tópico não são apenas alunos mas profissionais.

Sempre considereei esse texto excessivamente árido e acadêmico. Mesmo assim, os depoimentos que me chegam de pessoas que o utilizam em suas aulas ou práticas falam de sua utilidade, senão de outra coisa.

Todo o sistema de teses da Universidade desperta em mim um tipo de emoção muito próxima da indignação. Devo reconhecer, porém, que aqueles dentre meus textos com maior utilidade social imediata são exatamente os que foram pensados dentro desse quadro da Universidade.

8. O que é indústria cultural.

São Paulo, Brasiliense, 1980.

DOC. 10

9. O que é utopia.

São Paulo, BRasiliense, 1980.

DOC. 11

Comentarei ambos em conjunto por dizerem respeito a um mesmo processo ou fenômeno.

Antes de mais nada, devo dizer que sou a favor da coleção "Primeiros Passos", que tanta irritação provocou de início entre tanta gente, editores, autores, professores. Hoje a situação está bem mudada: muitos outros editores copiaram o mesmo esquema, adaptando-os a suas visões, e escritores e intelectuais colocam-se numa longa fila para apresentar seus projetos de edição. Estive entre os primeiros consultados pela Brasiliense e aos quais ela encomendou títulos. A editora tinha uma lista de títulos preferenciais e procurava aqueles que pudessem escrever a respeito. Aceitei a proposta de escrever sobre a Indústria Cultural (obrigação mínima para um professor de Comunicações) com o objetivo de levar a editora a aceitar minha própria proposta de publicar outro volume, sobre a Utopia. A editora não via este título como prioridade, mas as negociações chegaram a bom termo.

Corria o boato de que os autores da "Primeiros Passos" eram forçados a fazer concessões quanto à forma e ao conteúdo. Comigo e com alguns que conheço, nada disso aconteceu. O que escrevi nesses dois volumes, escreveria em qualquer outro lugar. A editora tinha, sim, embora de maneira vaga pelo menos no início, idéias sobre a forma: tratava-se de livros de divulgação, a linguagem não deveria ser rebuscada; em particular

nada de notas de rodapé. Eu já escrevia antes de entrar para a carreira universitária, antes de passar pela pós-graduação massificante (e infantilizante) que marcou o "novo regime". Devo ter pago algum tributo ao jargão acadêmico, em particular no mestrado. Mas é algo que abomino. As críticas que recebi sempre foram unânimes num ponto: a clareza e a simplicidade na exposição. Aqui, portanto, não havia o que ceder à editora. Aprendi, sim, a escrever sem notas de rodapé. Sinto-me bem melhor assim.

Outro ponto: não reproduzi conhecimentos, apenas. Descobri muita coisa nova para mim, ao escrever um e outro. Aliás, devo admitir que meu conhecimento é, em grande medida, tópico (significando, automaticamente, que é marcado também no tempo): eu sei quando estou escrevendo e enquanto escrevo. Antes e depois sei muito pouco, sobram-me apenas recordações e formas menos ou mais acabadas que apenas se consolidam ou voltam a se reafirmar com o passar do tempo e com o assentamento, sobre as primeiras, de novas camadas de descobertas. Isto para dizer que os textos que escrevo, seja qual for o valor objetivo que possam ter, sabem sempre mais do que eu, aqui e agora.

Outro ponto criticado na coleção: o tamanho reduzido, o pouco fôlego. A vida toda fui um fascinado pelos livros curtos. Os muito extensos também, como as Memórias de Casanova, com quem vivi por mais de seis meses, submerso num outro mundo. Ou os muito extensos, ou os muito curtos. Para ser médio, tem de ser muito bom. E isso não é fácil. É como os contatos com as classes sociais: os aristocratas e os proletários são fascinantes, com muita frequência; o que fica no meio é que repele... Por outro lado, há anos e anos conheço pesquisas

que mostravam e continuam mostrando como a grande maioria dos leitores raramente lê um livro de ensaio até o fim. A norma é ficar pela metade ou nem isso. Então, por que não ir direto ao ponto?

Cercando essa coleção há, sem dúvida, aspectos que preocupam. Ela foi pensada, segundo seu editor, para alcançar os estudantes do colégio e o "homem da rua" medianamente letrado. De imediato, porém, foi usada aqui no Sul pelos cursos de graduação, inclusive da USP, e, no Norte --vi pessoalmente-- na pós-graduação. Mas isto é indício de um outro problema, do qual a coleção somente seria, no máximo, um reflexo, e não a causa.

E, last but not least, havia o fascínio de escrever para um público bem maior. Meus outros livros haviam conseguido uma ou duas tiragens, alcançando uns seis mil leitores cada um e num intervalo de dois anos, em média (pelo menos, foi o que sempre declararam as editoras envolvidas). Só uma das edições de O que é Indústria Cultural foi rodada com dez mil exemplares (hoje está na sétima edição). Meu interesse sempre foi e continua sendo chegar às pessoas. Se para isso o preço a pagar é ser breve, pago alegremente. Não vejo nisso nenhum pacto mefistotélico.

Essa e outras coleções "pequenas" da Brasiliense --como a "Tudo é História"--, com todos os eventuais vícios e equívocos da mentalidade mercantil (e a Brasiliense é hoje uma editora essencialmente preocupada com o aspecto comercial de suas operações) fizeram mais por esse aspecto da cultura brasileira em cinco anos do que todo o restante da atividade editorial no país nos restante 80 anos passados

deste século.

Isso não significa, necessariamente, que o autor nacional tenha, ele, alcançado uma situação digna. É um outro problema.

## 2. LIVROS (SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO, PROJETO)

### 1. Semiologia do teatro.

São Paulo, Perspectiva, 1978.

Em colaboração com J. Guinsburg e Reni C. Cardoso

Obra contendo textos de precursores da análise semiológica do teatro ao lado de estudos de autores contemporâneos, inclusive brasileiros.

DOC. 12

## 3. LIVROS (OBRAS COLETIVAS)

### 1. Le texte et la scène (études sur l'espace et l'acteur).

Paris, F. Paillart-Institut d'Études Théâtrales, 1978.

Obra resultante do grupo de estudos dirigido por Bernard Dort, já mencionado, em 1974-1975.

Título de minha colaboração: "Le masque d'or de l'espace", sobre a montagem de "L'âge d'or" pelo Théâtre du Soleil na Cartoucherie de Vincennes, 1975.

DOC. 13

## 4. PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS (ARTIGOS E ESTUDOS)

1. "Ortodoxia x Dogmatismo" in LEIA Livros nº 5, de  
15.9.78. DOC. 14
2. "Nasceu a psicanálise" in LEIA nº 6, out.-nov. 1978.  
DOC. 15
3. "A liberdade na vitrina" in LEIA nº 8, dez.78 a jan.  
1979. DOC. 16
4. "A ideologia do socialismo é o ópio do povo ?" in  
Singular & Plural nº 5, abril de 1979. DOC. 17
5. "Matem o cantor e chamem o garçom" in LEIA nº 12, abr.  
maio de 1979. DOC. 18
6. "Cara a cara com Pierre Broué" in Singular & Plural  
nº 6, junho de 79. DOC. 19
7. "A arte e as armadilhas da ideologia" in Canto Coral  
nº 3, nov.79. DOC. 20
8. "Do beco ã descoberta" in Polêmica nº 1, nov.1979.  
DOC. 21
9. "Sob os três signos dos tigres cubanos" in LEIA nº 19  
de nov.-dez.1979. DOC. 22
10. "O Seminário de Lacan" in LEIA nº 20 de dez.79-fev.80.  
DOC. 23
11. "O Contexto de Sciascia" in LEIA nº 23, abr.maio 1980.  
DOC. 24

12. "Universidade: por fora maldita viola, por dentro  
pão bolorento ?" in Polêmica nº 2, julho de 1980.  
DOC. 25
13. "Durrell, idéias, fantasmas..." in LEIA nº 24,  
maio-junho 80. DOC. 26
14. "Haroldo de Campos, o fio potável da poesia" in  
LEIA nº 30, nov. dez. 80. DOC. 27
15. "O amante e as senhorinhas burguesas" in Caderno de  
Música nº 5, março de 81. DOC. 28
16. "Uma visão embaçada da utopia" in LEIA nº 35, maio-  
junho de 1981. DOC. 29
17. "O peito varonil de Paulo Francis" in Polêmica nº 3  
de julho de 1981. DOC. 30

Além dos textos aqui indicados, publiquei outros em outros  
veículos (VEJA etc) dos quais não tenho comprovantes mas,  
apenas, uma vaga recordação. Para meus padrões, foi um pe-  
ríodo de intensa atividade como "articulista" -- que não  
pretendo repetir tão cedo.

## 5. PREFACIOS E INTRODUÇÕES A LIVROS DE TERCEIROS

1. Fals Borda, As Revoluções inacabadas da América Latina. São Paulo, Global, 1979. DOC. 32
2. Leonardo Sciascia, A cada um, o seu. Rio, Fontana, 1981. DOC. 33

## 6. LIVROS: TRADUÇÕES

1. J.P. Sartre et al. Sartre Hoje. São Paulo, Documentos, 1968. DOC. 34
2. Lévi-Strauss, Cl. et al. Lévi-Strauss: Estrutura e Dialética. São Paulo, Documentos, 1968. DOC. 35
3. Henri Lefebvre, Lucien Goldmann et al. A irrupção (A revolta dos jovens na sociedade industrial). São Paulo, Documentos, 1968. DOC. 36

4. Lucien Goldmann, Henri Lefebvre et al. Debata sobre o estruturalismo.  
São Paulo, Documentos, 1968. DOC.37
5. Adam Schaff et al. Sociedade tecnocrata: ideologia e classes sociais.  
São Paulo, Documentos, 1968. DOC.38
6. Alain Robbe-Grillet. Por um novo romance.  
São Paulo, Nova Crítica, 1969. DOC.38 A
7. Michel Butor, Italo Svevo et al. Joyce e o romance moderno.  
São Paulo, Documentos, 1969. DOC.39
8. Henri Lefebvre, O direito à cidade.  
São Paulo, Documentos, 1969. DOC.40
9. Alain Resnais et al. Alain Resnais ou a criação no cinema.  
São Paulo, Documentos, 1969. DOC.41
10. Henri Lefebvre, Posição: contra os tecnocratas.  
São Paulo, Nova Crítica, 1969. DOC.42
11. J.B.Pontalis et al. O retorno a Freud.  
São Paulo, Documentos, 1969. DOC.43
12. Georges Perec, As coisas (ficção).  
São Paulo, Nova Crítica, 1969. DOC.44

13. Charles S. Peirce. Semiótica.  
São Paulo, Perspectiva, 1977. DOC.45
14. Michel Foucault. História da loucura.  
São Paulo, Perspectiva, 1978. DOC.46
15. Paul Lafargue, O direito à preguiça.  
São Paulo, Kairós, 1980. DOC.47

## V. ATIVIDADES DIDATICAS

1. Professor de Literatura Brasileira do Curso Cairu Vestibulares do C.A. da FEA-USP, 1970.

2. Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e, posteriormente, da Faculdade de Arquitetura, Comunicações e Artes da Universidade Mackenzie.

Período: 1972 a 1978.

Disciplinas: Teoria da Informação e Percepção Estética

História da Arte

História da Arquitetura

Título na "carreira" do Mackenzie em 1978: professor-adjunto.

DOC. 48

DOC. 49

3. Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação.

A partir de 1974 em regime de tempo parcial e a partir de 1978 em regime de tempo integral.

Disciplinas lecionadas: (graduação)

1974 e 1976: Informática

1977: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico

1978: Introdução aos estudos históricos e sociais.

História da Literatura

Evolução do Pensamento Filosófico e Científico

1979: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico

Introdução aos Estudos Históricos e Sociais

1979 (cont.):

Comunicação Não-Verbal (depto. CCA)

Coordenação da disciplinas Estudos de Problemas Brasileiros I e II

1980: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico.

Sistemas de Modelização

Orientação de EPB I e II em recuperação

1981: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico

Sistemas de Significação I

História da Literatura II

### 3.2 Disciplinas Lecionadas: Pós-Graduação

1977: Linguagem documentária e metodologia científica

1978: Espaço cênico e espaço do imaginário

1979: Produção simbólica do espaço cênico

Linguagem e ideologia

1980: Espaço cênico e espaço do imaginário

1981: Linguagem e ideologia

Bases semióticas da poética

Espaço cinematográfico: Parque Lage (em colab. com o prof. Jean-Claude Bernardet)

VI. DESEMPENHO DE ATIVIDADES CIENTÍFICAS, TÉCNICAS, ARTÍSTICAS E CULTURAIS RELACIONADAS COM A DISCIPLINA OU CONJUNTO DE DISCIPLINAS EM CONCURSO E OUTRAS ATIVIDADES.

1. Conferências, palestras, cursos, mesas-redondas, debates etc.

1. Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, fev. 1974.

Curso Intensivo de Atualização em Teoria da Informação. DOC.50

2. Universidade Federal de Minas Gerais, julho de 1977. Festival de Inverno, Simpósio sobre Ensino da Arte.

Conferência: Aplicabilidade da Teoria da Informação no ensino e produção da arte.

3. 30a. Reunião Anual da SBPC, julho de 1978.

Simpósio "Significação e ideologia nos discursos sociológicos".

Palestra: Para romper a resistência ideológica do signo. DOC. 51

4. 31a- Reunião Anual da SBPC, julho de 1979.  
 Simpósio "Dilemas da pesquisa semiótica e linguística no Brasil".  
 Palestra: Discurso burocrático e produção do sentido. DOC.52
5. 31a. Reunião Anual da SBPC, julho de 1979.  
 Simpósio "Sócio-semiótica: Discurso burocrático, discurso científico, discurso político".  
 Palestra: Semiótica ou semiofania. DOC.53
6. PUC - RJ, agosto de 1980.  
 II Colóquio de Semiótica.  
 Comunicação: Ensino da semiótica: da justificativa à descoberta. DOC.54
7. Associação Paulista de Bibliotecários, SP.  
 I Jornada Paulista de Biblioteconomia e Documentação.  
 Conferência: Função social da biblioteca moderna  
 DOC.55
8. Bauru, SP, agosto de 1980.  
 I Semana da Cultura.  
 Palestra: Indústria Cultural.
9. Faculdades Metodistas, São Bernardo do Campo  
 I Congresso de Comunicação Social, 1980.  
 Simpósio "Biblioteca Pública: grandeza e miséria"  
 Comunicado: Biblioteca, informação escrita, ideologia.

## 2. Atividades na área cultural

### 1. Participação em periódicos especializados

1. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, da Fed. Bras. Bibl. Doc. Membro do Conselho Editorial a partir de junho de 1978. DOC. 56

2. Acta Semiotica et linguistica São Paulo, 1977: membro do Conselho Editorial. DOC.57

### 3. Atividades de representação acadêmica

1. 1979: eleito representante dos professores assistentes junto à Congregação da ECA (79-81).

2. 1979: indicado para o Conselho Editorial da Revista da ECA, Portaria nº 10 de 3.7.79.

3. 1979: membro de Comissão designada pela Congregação para elaborar o regimento interno da Congregação da ECA. Portaria n. 12, 8.10.79.

4. 1979: membro de Comissão de verificação das condições de funcionamento do Curso Noturno da ECA. Portaria 13, 13.11.79.

5. 1979: membro de Comissão designada pela Congregação para elaboração de documento sobre a questão salarial na USP (4.6.79).

6. 1980: membro de Comissão para a organização dos laboratórios gráficos da ECA. Portaria 11, 17.4.80.
7. 1980: membro de Comissão para estudo das formas de integração pedagógica entre o ciclo básico e o profissionalizante. Portaria 25, 9.7.80.
8. 1979: Membro da Comissão Especial da Congregação junto ao Departamento de Música da ECA (79-81).
9. 1979: Suplente do representante da Congregação da ECA junto ao Conselho Técnico-Administrativo da Universidade. (79-81).
10. 1980: Membro de Comissão para estudo dos regimes de trabalho na USP. Portaria 33, 13.10.80.
11. 1980: Vice-presidente da Comissão de Graduação da ECA, no exercício da presidência. Portaria n. 39, 17.10.80.

## B. ATIVIDADES, TITULOS ETC. APÓS O DOUTORAMENTO

### I. TRABALHOS DE PESQUISA

O ângulo pelo qual considero esta questão já foi exposto em A.I. De modo particular, anoto as seguintes atividades:

#### 1. Festival de Inverno de Campos de Jordão, 1983.

Curso para professores de educação-artística da rede estadual de ensino.

Convidado pela organização do Festival para atuar como observador e debatedor.

Meu ponto de interesse (situado na origem da pesquisa maior da qual resultou a tese de livre-docência): modalidades da ação cultural.

#### 2. Curso de formação de recursos humanos para a Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, dez.1984.

Função: co-organizador do Curso.

Objetivos do curso: especialização (formação continuada) dos bibliotecários do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, dos diretores de Museus do Estado de São Paulo e dos diretores e orientadores culturais das Delegacias de Cultura do Estado de São Paulo.

Curso realizado em Cananéia (em hotel do Estado), durante dez dias, em regime de tempo integral.

Deveria ser o primeiro de uma série de cursos a se

realizarem periodicamente.

3. Membro de um Grupo que estuda a instalação de uma Biblioteca-Escola/Centro de Informação e Cultura no campus da USP, numa colaboração entre o Departamento de Biblioteconomia e Documentação e a Prefeitura do Campus. Junho de 1985.
4. Viagem de estudos a México, Cuba, Inglaterra e França. Pesquisa: centros de cultura e formação de quadros para a ação cultural. Fev-abril de 1985.

## II. ATIVIDADES NA CRIAÇÃO, ORGANIZAÇÃO, ORIENTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE CENTROS OU NUCLEOS DE ENSINO E PESQUISA.

Vale aqui, igualmente, o mesmo que já aleguei em A.II. Indico, de modo particular:

1. Participo no momento (julho de 1985) da organização na USP de um Centro de Estudos sobre o Imaginário ligado a Centro de análoga denominação instalado na França e dirigido por Gilbert Durand.  
Na USP, o Centro estará possivelmente ligado à Faculdade de Educação. organização do setor relacionado à ECA, sob o ângulo das Artes.  
O Centro ainda não está legalmente constituído, nem funciona regularmente.
2. A biblioteca-Escola/Centro de Informação e Cultura mencionada em B.II.1 está sendo concebida como um Centro de Pesquisa.

### III. PUBLICAÇÕES

#### 1. LIVROS (ENSAIO)

1. Terra em Transe e Os Herdeiros: espaços e poderes.  
(em colab. com Jean-Claude Bernardet).  
São Paulo, Com-Arte, 1982.

Este livro resultou do curso de pós-graduação "Espaço cinematográfico: Parque Lage" ministrado nesse mesmo ano de 1982 em colaboração com Jean-Claude Bernardet.

Esse ano foi particularmente sobrecarregado para mim e meu colaborador. Preparávamos as aulas em conjunto, discutíamos as questões em sala de aula com os alunos mas faltava tempo comum para a continuação do debate sobre o que era levantado nas aulas. Começamos assim, por minha iniciativa, a trocar longas cartas onde discutíamos as questões teóricas e, também, vários aspectos particulares ligados a nossa atividade profissional, à nossa atuação dentro do curso ministrado e a nossas pessoas propriamente ditas.

Ao final do trimestre essas cartas alongavam-se por mais de uma centena de páginas. Quando surgiu a possibilidade de publicar o resultado do curso, resolvemos nada alterar e nada suprimir das cartas, publicadas tais quais junto com alguns trabalhos dos alunos.

Essa mistura entre reflexões teóricas e pessoais parece ter sido bem recebida.

## 2. Artaud: Posição da Carne.

São Paulo, Brasiliense, 1982.

Escrito especialmente para a coleção Encanto Radical, por minha sugestão, o assunto está ligado ainda ao tema de Uma outra cena (Teatro Radical, Poética da Artevida), minha tese de doutoramento. Mas não é esse o aspecto que me interessa destacar.

Escrever este livro marcou uma virada em minha vida. A começar pelas condições em que foi escrito. Pela primeira vez, depois de deixar o assunto cozinhar na cabeça por uns seis meses, retirei-me de todas as atividades cotidianas (família, USP, etc.) para uma casa no interior onde, sozinho, em duas semanas escrevi um copião do livro.

Há muito tempo eu vivia angustiado com a idéia de retomar a experiência com a literatura, com a ficção, como se diz -- sem no entanto conseguir dar o passo decisivo. Me sentia como se a reflexão crítica estivesse me exaurindo e me secando, uma sensação que quase me levava a abominar todo esse trabalho ligado à Universidade. A experiência que foi escrever esse livro sobre Artaud eliminou aquilo que eu sentia como um bloqueio. Esse livro já é em grande parte uma mistura entre o ensaio e a ficção. Não do ponto de vista do conteúdo (não "inventei"

nada), mas quanto à forma e ao desenho geral. A linguagem é uma linguagem literária e o modo de agenciar as questões tratadas é o modo de uma montagem em arte, que consiste em aproximar elementos cuja relação é em princípio invisível e que no entanto, quando reunidos, formam uma nova significação.

Um de meus livros cuja feitura maior prazer me deu -- no momento e agora, ao saber que o escrevi. Mais importante (para mim) do que esse livro, porém, foi que ele me abriu as portas para a realização do livro seguinte, um romance. Escrito esse primeiro romance (publicado) e dois outros, livreime um pouco da angústia e da obsessão e me foi possível voltar a encarar a realização de trabalhos de reflexão teórica.

DOC.59

## 2. LIVROS (FICÇÃO)

### I: Fliperama sem creme. (romance)

São Paulo, Brasiliense, 1984.

Estória de um (mais ou menos) adolescente em São Paulo deambulando entre o trabalho (por necessidade), a universidade (que vai abandonar), experiências amorosas (fantasmais ainda que reais) e as atrações de uma atividade artística momentânea.

DOC.60

## 3. PUBLICAÇÕES EM PERIÓDICOS (ARTIGOS E ESTUDOS)

1. "Volpi ou a arte tranquila" in AR'ITE n.1,  
1982. (Em colab. com Ana Mae Barbosa) DOC.61
2. "Censura" in Polêmica n. 4, julho de 1982.  
DOC.62
3. "...El teatro tiene siempre una luz que permi-  
ta ver las palabras..." in ART 004 - Revista  
da Escola de Música e Artes Cênicas da UFBA,  
jan-março de 1982. DOC.63
4. "Arte e utopia" in AR'ITE n. 2, out. de 1982.  
DOC.64
5. "Uma Escola Móvel" in Revista Comunicações  
e Artes da ECA-USP, v. 12, 1983. DOC.65
6. "Un film messianique" in CinêmAction n. 25,  
Paris, LHarmattan, 1983. (Artigo sobre A Idade  
da Terra, de Glauber Rocha, em número dedicado  
a "Vinte anos de utopias no cinema". DOC.66
7. "A linguagem da mulher na arte" in AR'ITE n.5,  
1983. DOC.67
8. "Os caminhos do imaginário: Uma conversa en-  
tre Breton e Carpentier" in Primeiro Toque n.  
10, jul.set. 1984. DOC.68

9. "Máquinas da elipse" in FOLHETIM n.409, de 18.11.84. DOC.69
10. "A cultura de uma época é aquilo que você pode pegar..." in AR'ITE n. 9, 1984. DOC.70
11. "Entrevista com Carmela Gross" in AR'ITE n. 11 1984, em colab. com Annateresa Fabris. DOC.71
12. "O rock bem concertado" in Primeiro Toque n.14, jul.set. 1985. DOC.72
13. "A fundação da terra e do cinema: Glauber Rocha" in FOLHETIM n.292, de 22.8.1982. DOC.73
14. "Os anjos exterminadores na Universidade" in Revista Comunicações e Artes n.10,1981. DOC.77

#### 4. ENSAIOS PUBLICADOS EM OBRAS COLETIVAS

1. "Da cultura esquecida à prática política (A formação humanística em Comunicação)" in Ideologia e Poder no Ensino da Comunicação" (J.M. de Melo et al, org.). São Paulo, Cortez e Moraes, 1979. DOC.74
2. "Cena e contra-cena" in O teatro de Timochenco Wehbi. São Paulo, Polis, 1980. DOC.75
3. "A semiótica na terra dos índios" in Temas Universitários: Anais do II Colóquio de Semiótica. Puc/Edições Loyola, RJ, 1983. DOC.76

## 5. PREFACIOS E INTRODUÇÕES A LIVROS DE TERCEIROS

1. Edelcio Mostaço, O Espetáculo Autoritário.  
SP, Proposta Editorial, 1983. DOC.78
2. Georg Groddeck, O Livro d'Isso.  
SP, Perspectiva, 1984. DOC.79
3. Antonin Artaud, O teatro e seu duplo.  
SP, Max Limonad, 1984. DOC.80
4. Glauber Rocha, Bibliografia.  
SP, ECA, 1984. DOC.81
5. Alejo Carpentier, Concerto Barroco.  
SP, BRasiliense, 1985. (em colab. com  
Jean-Claude Bernardet) DOC.86

## 6. PROJETO, ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO DE PERIODICOS

1. Revista da Comunicações e Artes n. 10, 1981  
em colab. com Ana Mae Barbosa. DOC.82
2. AR'ITE - Estudos de arte-educação.  
Co-fundador e editor com Ana Mae Barbosa e  
Luis Milanesi. De 1982 até hoje, doze números  
publicados. DOC. 61,64,67,70,71 e 83/4/5 e 86

## 7. TRADUÇÕES

1. Nikolaus Pevsner, Panorama da arquitetura ocidental.  
São Paulo, Martins Fontes, 1982.  
Em colab. com Silvana Garcia. DOC. 87
2. Georg Groddeck, O Livro d'Isso.  
São Paulo, Perspectiva, 1984. DOC.79
3. Antonin Artaud, O teatro e seu duplo.  
São Paulo, Max Limonad, 1984. DOC.80
4. Alejo Carpentier, Concerto Barroco.  
SP, Brasiliense, 1985. (em colab.JCB). DOC. 86 87A

## 8. LIVROS (REEDIÇÕES)

1. O que é Indústria Cultural.  
São Paulo, Brasiliense.  
1980: 2a. ed.  
1981: 3a, 4a. e 5a. ed.  
1983: 6a. ed.  
1985: 7a. ed. DOC.81 A
2. O que é Utopia.  
São Paulo, Brasiliense.  
1981: 2a e 3a. ed.  
1984: 4a. ed.  
1985: 5a. ed. DOC.82 A
3. Semiótica, informação e comunicação.  
1984: 2a. ed. DOC.83 A
4. A construção do sentido na arquitetura.  
1984: 2a. ed. DOC.84 A

5. Arbaud: Posição da Carne.

SP, Brasiliense.

1983: 2a. ed.

DOC.85 4

9. LIVROS (NO PRELO)

1. O sonho de Havana.

Derivado de minha recente viagem a Cuba.

Na Editora Max Limonad, São Paulo, programado para o segundo semestre de 1985.

#### IV. ATIVIDADES DIDATICAS

##### 1. Na graduação da ECA-USP:

1. 1981: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico  
Sistemas de Significação I  
História da Literatura II
2. 1982: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico.  
História da Literatura I
3. 1983: Evolução do Pensamento Filosófico e Científico.  
Sistemas de Significação I
4. 1984: Sistemas de Significação II  
Lógica - Sistemas de Modelização I
5. 1985: Lógica - Sistemas de Modelização I  
Lógica - Sistemas de Modelização II

##### 2. Na pós-graduação da ECA-USP:

1. 1982: O conceito de subdesenvolvimento na interpretação do processo cultural (em colab. com o prof. Jean-Claude Bernardet).  
Trata-se de colaboração mesmo, não é apenas um empréstimo do nome.  
Linguagem e Ideologia.

2. 1983: O outro e o simulacro: cinema e literatura.  
(em colab. com o prof. Jean-Claude Bernardet)
3. 1984: Teoria da arte e pós-modernidade.  
Linguagem cinematográfica e educação.  
(em colab. com a prof. Ana Mae Barbosa)
4. 1985: Política cultural, práticas culturais, centros  
de cultura.

V. DESEMPENHO DE ATIVIDADES CIENTÍFICAS, TÉCNICAS, ARTÍSTICAS  
E CULTURAIS RELACIONADAS COM A DISCIPLINA OU CONJUNTO DE  
DISCIPLINAS EM CONCURSO E OUTRAS ATIVIDADES

1. Orientação de dissertações de mestrado e teses de doutoramento:

1. Dissertações de mestrado:

Maria Hêloisa Correa de Toledo Ferraz.

Dissertação: Identidade cultural brasileira e latino-americana no período colonial: o caso das igrejas jesuítas de Salvador e Cuzco.

Dissertação apresentada e aprovada em 18.5.1983 DOC.87 AA

2. Julio de Lamônica Freire.

Dissertação sobre "Conjuntos habitacionais populares de Cuiabá".

Créditos concluídos, exame de qualificação realizado, dissertação em fase final de elaboração.

3. Domingos Tadeu Chiarelli.

Dissertação sobre "Monteiro Lobato e a crítica de arte".

Créditos concluídos.

4. Igor Lintz mauês.

Dissertação sobre "Semiótica da música".

Créditos concluídos.

5. Anna Mantovani.

Dissertação sobre "Cenografia no Brasil".

Créditos concluídos.

## 6. Fernando Barone.

Dissertação sobre "Programação musical de rádio: padronização e criatividade".

Créditos concluídos.

## 7. Marco Antomio da Silva Ramos

Dissertação sobre "Fenomenologia do silêncio em música".

Créditos incompletos.

## 8. Maria Cristina da Silva Souza.

Dissertação sobre "Um centro de cultura para Peruibe".

Créditos incompletos.

## 9. Hilda Machado.

Dissertação sobre "O jovem Nelson Rodrigues dos Santos".

Créditos concluídos.

## 2. Teses de doutoramento

## 1. Amílcar Zani Neto

Tese: Uma teoria da execução de Schumann.

Créditos concluídos.

## 2. Maria de Fatima Gonçalves Moreira Talamo.

Tese: A palavra oculta: os atos de linguagem indirectos e a linguagem feminina.

Créditos concluídos.

## 3. Maria Helena Pires Martins

Tese: A produção artística ligada à ECA.

Créditos concluídos.

## 2. Participação em comissões examinadoras:

### 1. Concursos de ingresso à carreira docente

1. Luis Milanesi, junto ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação, disciplina "Biblioteca, Documentação e Sociedade", 1982. DOC.88

### 2. Exames Gerais de Qualificação

1. Maria Heloisa Correa de Toledo Ferraz, ECA DOC.89
2. Ivan Santos Barbosa, ECA, 1982. DOC.90
3. Valdir Mengardo, ECA, 1984. DOC.91
4. Cacilda Amaral Melo, ECA, 1984. DOC.92
5. José Roberto Neffa Sadek, ECA, 1984. DOC.93
6. Wulson Rodrigues de Barros, ECA, 1983
7. Isabel Maria Ribeiro F. Cunha, ECA, 1983.

### 3. Comissões Julgadoras de Dissertações de Mestrado

1. Maria Heloisa Correa de T. ferraz, ECA, 1982. DOC.94
2. Ivan Santo Barbosa, ECA, 1982. DOC.95
3. Wilson Rodrigues de Barros, ECA, 1983. DOC.96
4. Teresa Montero Otondo, ECA, 1983. DOC.97
5. Cacilda Amaral Melo, ECA, 1985. DOC.98

## 4. Comissões Julgadoras de Teses de Doutorado

1. Luis Augusto Milanesi, ECA, 1985. DOC.99

## 3. Conferências, palestras, cursos, mesas-redondas, debates etc.

## 1. 1981

1. Palestra na Universidade Federal de São Carlos, São Paulo. Temas: Utopias (maio).
2. Duas conferências na Universidade Federal de Paraná, em Curitiba, no quadro de um curso de pós-graduação sobre Teoria do Signo e Arquitetura (junho).
3. III Festival Internacional do Teatro de São Paulo. Mesa-redonda: Intenções e atitudes na pesquisa teatral: ciência e criatividade. (agosto). DOC.100
4. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. XI Semana de Estudos de Comunicação. Palestra: Indústria Cultural. DOC.101
5. XVI Bienal de São Paulo. I Encontro Arte, Sociedade e Utopia. Mesa-redonda: Utopia e sociedade. DOC.102
6. XVI BIENAL de São Paulo. I Encontro Arte, Sociedade e Utopia. Mesa-redonda: Arte e utopia. DOC. 103

## 2. 1982

## 1. Colloque "Espace: Construction et Signification.

Org. pelo Laboratoire d'Architecture n° 1 da  
Unité Pédagogique d'Architecture n° 6, Paris,  
França. Junho.

Título da comunicação: La construction du sens  
dans l'architecture - Un modèle de lecture et  
d'enseignement.

Como não pude embarcar, na última hora, o texto  
foi entregue a outra pessoa que o leu no Colóquio.

DOC.104

## 2. Universidade de Brasília.

Seminário: Juventude Brasileira

Comunicação: Produção e Consumo de arte pela ju-  
ventude brasileira (agosto). DOC.104A

## 3. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

VI Semana da Comunicação, Natal, julho.

Conferência: Estado atual da Teoria da Comunica-  
ção. DOC.105

## 4. IDESP- FUNARTE

Seminário sobre Estado e Cultura no Brasil.-Anos 70  
Sao Paulo, agosto.

Mesa-redonda: Mercado de bens culturais. DOC.106

## 5. Depto. de Comunicações e Artes da ECA-USP

Sistemas de Comunicação no Brasil. (setembro).

Palestra e debate: Cinema Brasileiro DOC.107

6. V Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - INTERCOM, São Paulo, setembro.

Mesa-redonda: Impasses e desafios da pesquisa em comunicação. DOC.108

3. 1983

1. FUNBEC, Simpósio sobre o Livro Didático.

Exposição: O livro didático na Universidade.

Março, São Paulo. DOC.109

2. III Seminário de Cultura Brasileira do CERU

Ouro Preto (MG), abril.

Exposição: Cultura Brasileira: memória e identidade -- o cinema.

DOC.110

3. Núcleo Moreno de Estudos em Psicodrama

São Paulo, abril.

Palestra sobre Semiologia e Teatro. DOC.111

4. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Curso de Extensão Universitária sobre Arte e

Sociedade, maio.

Palestra: Arte e sociedade.

DOC.112

5. Universidade Federal de Alagoas.

Curso de Extensão sobre Teoria da Arquitetura,

Maceió, agosto.

Conferências sobre Conceitos de Espaço em Ar-

quitetura.

DOC.113

6. ECA-USP

Forum de Debates: 10 anos de pós-graduação

na ECA. agosto.

DOC.114

7. Intercom-ECA, São Paulo.

Primeiras Jornadas Impertinentes: A questão do Obsceno. Agosto.

Mesa-redonda: O obsceno e a indústria cultural

DOC.115

8. Departamento e Comunicações e Artes, ECA.

Curso de Difusão Cultural sobre Política Educacional no Brasil: situação das Artes e Comunicações, outubro.

Mesa-redonda: A universidade e o ensino das artes.

DOC.116

9. Centro Cultural São Paulo-A-sociação de Arte-educadores do Estado de São Paulo.

Mesa-redonda: Produção de cultura e ideologia da informação, outubro.

DOC.117

10. Universidade de São Paulo- Campus de Ribeirão Preto.

Curso de Extensão Cultural sobre "Arte no Brasil: contribuições e tendências no século XX", outubro.

Conferência: Hélio Oiticica. DOC.118

11. XVII Bienal de São Paulo, outubro.

Palestra: O tempo e o espaço no cinema no quadro do Ciclo de Cinema. DOC.119

4. 1984

1. Ciclo Conversões com Leon Ferrari  
 Palestra: Arte e modernidade  
 São Paulo, fevereiro. DOC.120
2. XVIII Jornada Nacional de Cineclubes  
 do Conselho Nacional de Cineclubes.  
 Mesa-redonda: Cinema e realidade cultural  
 Tema: Cultura e indústria cultural no  
 Brasil. DOC.121
3. Seminário sobre o Estado e o Desenvolvimento das Artes, Secretaria de Estado da Cultura, São Paulo, julho.  
 Painel e Grupo de Trabalho sobre a Crítica. DOC.122
4. Simpósio Internacional de História da Arte-educação, ECA, agosto.  
 Painel: Arte X Arte-educação (coord).  
 DOC.123
5. USP - Campús de Ribeirão Preto.  
 Curso de Extensão sobre Estética e Psicologia, outubro.  
 Conferência: A estética de Antonin Artaud  
 DOC.124
6. I Curso de Formação Continuada de Recursos Humanos para os Centros de Informação e Convivência.  
 Secretaria de Estado da Cultura-FUNARTE  
 Cananéia, dezembro.  
 Função: organizador DOC.125

## 7. I Semana da Comunicação

Faculdade de Comunicação de Santos

Santos, outubro

Mesa-redonda: Comunicação e comunidade:

adaptação ou mudança.

DOC.126

## 8. Instituto dos Arquitetos do Brasil

I Seminário sobre Desenho Industrial.

São Paulo, novembro.

Painel: Desenho industrial e estilística

(debatedor)

DOC.127

## 5. 1985

## 1. Debates sobre o ensino da música no Brasil

Caderno de Música, org., abril.

Mesa-redonda.

DOC.128

## 2. Departamento de Artes Plásticas - ECA.

Seminário "A história da arte numa perspectiva interdisciplinar". Agosto.

Mesa-redonda: Arte e semiologia. DOC.131

#### 4. Atividades de representação acadêmica

##### 1. 1981

1. Presidente da Comissão do Departamento de Bibliotecnomia para estudos sobre a implantação do Trabalho Final de Graduação, conf. of.CBD 89/91.
2. Membro da Comissão Interdepartamental para estudo do Projeto de Regimento para a CODAC, conf. Portaria 30, 10.11.81

##### 2. 1982

1. Suplente da Comissão de Pós-graduação da ECA no biênio 83-84, em exercício efetivo de março de 1983 a março de 1984.
2. Suplente do representante dos Professores Assistentes Doutores junto ao Conselho do Departamento de Bibliotecnomia e Documentação, biênio 83-85.
3. Suplente do representante do Departamento de Bibliotecnomia e Documentação junto à Comissão de Pós-graduação da ECA, biênio 1985-1987.

## 5. Assessoria

1. Autorizado pelo Universidade, assumi as funções de Coordenador das atividades do Departamento de Atividades Regionais da Cultura da Secretaria de Estado da Cultura, no período de março a julho de 1984 e, em seguida, de assessor junto ao Departamento de Bibliotecas dessa mesma Secretaria.

Funções: organização das atividades do DARC <sup>DOC.132</sup>

.colaboração na organização do "Térreo da Cultura"

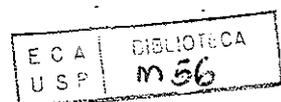
.co-organização do Curso de Formação de Recursos Humanos de Cananéia.

2. Assessor da FAPESP, a partir de 1982.

3. Parecer especial para o CNPq sobre o documento "Ação Programada em Ciência e Tecnologia para a Cultura", 1984.

## 6. Atividades na área cultural: edição

1. Co-fundador e editor da revista AR'TE - Estudos de Arte-educação, de 1982 até esta data, com doze números publicados, atualmente sendo publicada pela Editora Max Limonad, São Paulo.  
Documentos já arrolados.



## VI. DADOS SOBRE O CANDIDATO

## 1. Dados pessoais:

Nome: José Teixeira Coelho Netto

Filiação: Adalberto Teixeira Coelho Netto

Desdemona Santi Teixeira Coelho

Nascimento: 01 de janeiro de 1944

Natural de: Bauru, SP

Nacionalidade: brasileira

Estado civil: casado

Identidade: RG. 3.017.151, SSP-SP

## 2. Estudos superiores

## 1. Graduação:

Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais

Faculdade de Direito da USP e de Guarulhos.

Conclusão: 1971.

## 2. Pós-Graduação:

1. Mestrado em Ciência da Comunicação DOC.129  
ECA-USP, 1976.

2. Doutorado em Letras -Teoria Literária  
e Literatura Comparada

FFLCH - USP, 1981

DOC.130

### 3. Viajar

Para mim, é vital. Comecei tarde mas tento recuperar o atraso. Conheço países da América do Sul, Central e do Norte, Europa "ocidental" e comunista, norte da África e já pus os pés na Ásia.

### 4. Atividades editoriais

Co-fundador e editor da Editora Documentos, período 1968-1970.

### 5. Outros cursos

#### 1. Universidade de São Paulo - Museu de Arte Contemporânea.

Curso "Metodologia da História da Arte

Set.-out.1972.

DOC.

#### 2. Universidade de São Paulo - FAAP

Curso "História da Arte Ocidental"

Março-dez.1972

DOC.

## O DESENHO DO CONJUNTO (atê aqui, em todo caso)

Sempre tive atritos com editores que me exigiam a redação da nota autobiográfica para o final dos volumes publicados. A coisa sempre me pareceu um exercício de cabotinismo menos ou mais disfarçado, menos ou mais bem sucedido. Tenho horror a essas notas e receio nunca ter encontrado o tom certo para elas.

A elaboração de um Memorial pareceu-me uma atividade bem próxima dessa outra. Mas, percebi que, afinal, esta peça acabou tendo para mim um significado especial. E agradável. Para mim, pelo menos, senão para os examinadores.

A expressão final que comparecia no título de meu primeiro livro publicado é ação social. A última expressão que vem no título de minha "tese" de livre-docência é ação cultural.

Não procurei, nem remotamente, essa simetria. Mas, descobrindo-a agora, impressa no papel, percebo que ela indica adequadamente meu percurso até aqui. Mais do que isso, ela me dá, a mim, o sentido desse percurso, que deveria estar evidente, dadas as estações de passagem -- de que não me dei conta claramente, porém, enquanto estava viajando. Em viagem, sempre me esforço por manter, a todo momento e em todo lugar, a consciência de estar exatamente ali naquele momento. É essa condição básica para a viagem, a exigência para que se processe a desalienação pela viagem, para que aconteça o que é uma das razões e objetivos da viagem: o estranhamento.

Nem sempre ocorre assim, no entanto. Às vezes, é ape-

nas depois que se percebe ter estado lá, naquele instante. Particularmente quando não se tem um plano prévio e determinado de viagem, como prefiro. A consciência do ato no ato é melhor; a consciência do ato depois do ato não é de se jogar fora.

No caso desta viagem, descubro que a estação (por enquanto) terminal acabou sendo a mesma anteriormente marcada no primeiro bilhete: a ação antes chamada social e agora, de modo mais adequado, cultural. Alguns chamam-na de ação sócio-cultural, o que descreve bem seus objetivos e sua dimensão final. Vejo que naquela época minha idéia era ir direto ao pote; hoje, opto decididamente pela mediação do cultural. Não que privilegie esta ou renegue aquela. A ação social direta tem seu momento, seu lugar e seu valor. A ação da arte, da cultura, ela, tem seu modo de chegar ao social e embora se possa fazer uma distinção, uma separação entre o social e o cultural por motivos metodológicos, não há dúvida de que o cultural se atinge o social, sob o ângulo da prática política, num segundo momento. Em outras palavras: a transformação radical imediata não vem pelo cultural. Hoje, isso me parece mais evidente. De todo modo, mesmo tratando-se de duas táticas diferentes, mesmo não tendo, naquela época, clareza quanto ao que podiam ser a ação cultural e a ação, o ponto de chegada era o mesmo: aproximar a arte, o produto cultural, da comunidade para que se inicie um processo de transformações. Alguns teóricos e um grande número, eventualmente a maioria dos artistas não apenas não se preocupam com isso como rejeitam a idéia de uma finalidade para a arte, para o produto cultural. Para eles, essa é apenas uma variante da visão filistéia da arte e da cultura. A arte e a cultura se-

riam, na visão deles, um fenômeno de pura expressão, produtos gerados no regime de pura perda, simples produtividades incompatíveis com qualquer utilização em que se pudesse pensar, na educação ou em qualquer outra coisa. Tenho minhas próprias reservas quanto ao uso educacional da arte e do produto cultural, mas não vejo tanta incompatibilidade assim.

O que mudou, nesta minha viagem, foi não bem o veículo mas sua disposição, digamos assim. Seu arr anjo. Olhando à distância, naquela época eu considerava o produto cultural muito mais sob o ponto de vista da recepção, do consumo. Eu o encarava como um produto, propriamente dito. Aceitava a distinção entre criador de um lado e receptor do outro, e preocupava-me com os efeitos que o produto podia exercer sobre seu consumidor, com a finalidade que o receptor podia dar ao produto que recebia pronto. O que marcou o trabalho apresentado como tese de doutoramento foi o abandono da recepção pela produção, foi privilegiar a produção em detrimento do produto. Não me interessava mais analisar, preparar, incentivar o produto, saber qual conteúdo seria socialmente mais adequado. Queria ressaltar a inadequação de um processo que coloca produtores de um lado e receptores do outro, destacar que o instigante é mergulhar na produção, que o que importa é o processo de produção em si e não o produto final, que as teorias do produto e da recepção escondiam o interesse central, vital: o ato de produzir. Aquele estudo, Uma outra cena, girava sobre uma modalidade em particular, o teatro; eu procurava mostrar como a prática teatral tinha evoluído (não no sentido de progresso, mas de evolução como numa escola de samba) da situação palco-platêia para a da cena sem platêia porque sem palco e sem palco porque sem platêia, como na prático-

ca do grupo de Grotowski por eles mesmos denominada não mais de teatro e, sim, de cultura ativa. Mesmo sem distinguir, naquele momento, as relações íntimas entre "cultura ativa" e "ação cultural", interessava-me defender exatamente essa mesma prática, a que eu entendia como a única capaz de se opor ao "teatro" formado, conformado e mercantilizado que sufocava, como sufoca hoje, o Teatro brasileiro. Não mais o produto; em seu lugar, a produção. Não mais o palco; em seu lugar, a cena. Em vez da troca, o uso. Substituindo a representação, a apresentação. O que mudou, enfim, na minha viagem, foi que eu não mais privilegiava a arte enquanto experiência individual, e isolada, de oferecer alguma coisa pronta aos outros; ao invés disso, optava pela produção coletiva sem exibição, sem a preocupação com a troca. Não estava preocupado apenas com esse aspecto da forma teatro; interessava-me procurar outros comprometimentos com a ação em cena que explorassem aquilo que é específico da forma teatral (a matéria da linguagem teatral, o espaço e o tempo, o poético). Mas era esse o ponto nuclear da questão.

Não me ocorreu, então, vincular a proposta que eu defendia a uma prática mais ampla como a ação cultural, vinculada ou não a uma Casa de Cultura. Tratava do assunto do ponto de vista de um indivíduo interessado num modo de expressão e construção poética da experiência<sup>e</sup> que se lançasse na aventura com outros indivíduos formando um grupo que, mesmo sendo um coletivo, não visava a coletividade. Esta visada é a que marca minha tese A Cultura da Cidade, e é nisso que reside a essência da diferença entre este estudo e o anterior, Uma outra cena. Do particular (e não mais do singular) passei, senão para o geral, pelo menos para uma vontade do geral -- sem renegar o

anterior, o passado, pelo menos o passado imediato. O próprio título "Uma outra cena" tinha uma filiação, digamos, psicológica: foi tirado de uma passagem de Freud. E o nome deste estudo revela sua tendência, hum, "sociológica" -- em todo caso, para o social. Com o trabalho anterior, eu destruía uma prática artística tradicional e propunha uma nova em seu lugar, deixando-a porém a vógar por aí. A Cultura da Cidade dá um lugar para aquela prática, abre-lhe a possibilidade, creio, para um sentido maior -- cria as condições para a prática transformar-se em ação, cria as condições para que pelo menos um modo da arte contemporânea exerça uma ação social, como queria aquele título de dezoito anos atrás.

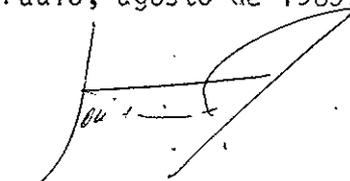
O círculo se fecha -- para abrir-se em espiral sobre outros círculos, espero. Isto não significa que todo o percurso foi retilíneo. Me horrorizaria. Houve escalas e, ao lado, incursões variadas, também elas circulares porque se voltou ao ponto de parada para a continuação do trajeto. Mas é um desenho, todo este, que repentinamente parece ter sua coerência.

Este significado surge, por certo, quase que do futuro. É um significado que, construído agora, volta-se para o passado para dar um sentido ao que lá foi feito, resgatando aquilo que, sem ele, poderia ter ficado flutuando sem rumo pelo espaço. Se não é quase sempre assim que isso acontece, pelo menos é uma forma adequada de acontecer. Indica, no mínimo, que nesse processo todo houve realmente uma ação, não apenas uma fabricação forjada em todas suas peças. Sinto-me melhor assim.

Se todo este Memorial não serviu para outra coisa, de um ponto de vista bem pessoal, e até egoísta, serviu para mostrar a mim mesmo algo sobre mim que eu desconhecia. Por isto, valeu a pena tê-lo feito e ter dado início a todo este proces-

so de livre-docência. Afinal, parece que nem todas as exigências acadêmicas são insensatas.

São Paulo, agosto de 1985.



José Teixeira Coelho Netto